



CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SAMARA OLIVEIRA ANDRADE MOREIRA

**O SOFRIMENTO CAUSADO PELA LGBTFOBIA INTRAFAMILIAR
EM PESSOAS DA REGIÃO DO CARIRI**

Juazeiro do Norte-CE
2019

SAMARA OLIVEIRA ANDRADE MOREIRA

**O SOFRIMENTO CAUSADO PELA LGBTFOBIA INTRAFAMILIAR
EM PESSOAS DA REGIÃO DO CARIRI**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Indira Siebra Feitosa de Holanda

Juazeiro do Norte-CE
2019

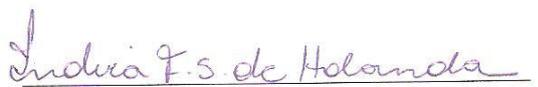
SAMARA OLIVEIRA ANDRADE MOREIRA

**O SOFRIMENTO CAUSADO PELA LGBTFOBIA INTRAFAMILIAR EM PESSOAS DA
REGIÃO DO CARIRI**

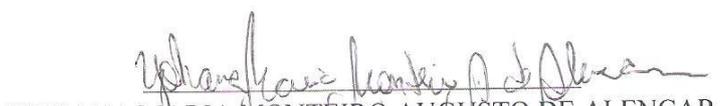
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: 04 / 12 / 19

BANCA EXAMINADORA


INDIRA FEITOSA SIEBRA DE HOLANDA
Orientador(a)


JOEL LIMA JUNIOR
Avaliador(a)


YOHANA MARIA MONTEIRO AUGUSTO DE ALENCAR
Avaliador(a)

O SOFRIMENTO CAUSADO PELA LGBTFOBIA INTRAFAMILIAR EM PESSOAS DA REGIÃO DO CARIRI

RESUMO

A presente pesquisa buscou abordar o sofrimento decorrente da LGBTfobia intrafamiliar, por meio de uma abordagem qualitativa, onde foi realizado uma entrevista contendo como critério de inclusão: se autodenominar LGBTQ+, ter vivenciado ou estar vivenciando violência relacionada à sua orientação ou identidade sexual pela família, ter entre 18 à 30 anos e residir na região do cariri, a pesquisa foi dividida em três etapas: um levantamento teórico, realização das entrevistas e análise dos dados. Foi observando o número de violência registradas contra a população LGBT+ que despertou a necessidade de investigar sobre esta categoria de violência, a atitude de discriminação para com pessoas LGBT+ ocorre em variados contextos e circunstâncias, podendo também partir da própria família por muitas vezes não aceitar a sexualidade ou orientação sexual do filho (a) ou irmão(ã). Neste sentido o objetivo desta pesquisa é analisar o sofrimento da pessoa vítima da LGBTfobia pela família, identificando as consequências decorrentes desse ato para a vida da pessoa, para que assim possa expor este tipo de violência, atentando para a saúde do indivíduo. Sousa e França (2016) apontam que devido à cultura possuir como norma social a heretossexualidade, a violência e preconceito frente à diversidade sexual se torna um problema para o qual se deve buscar transformações e medidas perante esta intolerância. Koehler (2013) define como homofobia em sua pesquisa, sendo esta uma rejeição e ódio às pessoas que manifestam orientação sexual e/ou identidade de gênero diferente da heterossexual. Esta atitude é um tipo de violência que afeta a saúde da pessoa que a vive com frequência. Concluiu-se com essa investigação que a população LGBT+ sofre em silêncio as consequências da LGBTfobia intrafamiliar, onde foi apontado pelos entrevistados alguns efeitos desta ação em fases da sua vida.

Palavras-chave: LGBTfobia intrafamiliar. Sofrimento. Violência.

ABSTRACT

This research aimed to address the suffering resulting from intrafamilial LGBT phobia, through a qualitative approach, where an interview was conducted containing as inclusion criteria: to call themselves LGBTQ +, to have experienced or to be experiencing violence related to their orientation or sexual identity by the family, Being between 18 and 30 years old and living in the Cariri region, the research was divided into three stages: a theoretical survey, interviews and data analysis. By observing the number of violence reported against the LGBT + population that prompted the need to investigate this category of violence, the attitude of discrimination towards LGBT + people occurs andIn a variety of contexts and circumstances , they may also depart from their own families and often do not accept the sexuality or sexual orientation of their child or sibling . In this sense, the objective of this research is to analyze the suffering of the LGBT phobia victim by the family, identifying the consequences of this act for the person's life, so that they can expose this type of violence, paying attention to the individual's health. Sousa and France (2016) point out that due to the culture as have the social norm heretossexualidade , violence and prejudice against the sexual diversity becomes a problem for which you shouldseek transformations and measures in the face of this intolerance. Koehler (2013) defines homophobia in his research, which is a rejection and

hatred of people who manifest sexual orientation and/ or gender identity different from heterosexual. This attitude is a kind of violence that affects the health of a person to live often. It was concluded with this investigation that the LGBT + population suffers in silence the consequences of intrafamily LGBT phobia, where the interviewees pointed out some effects of this action in phases of their life.

Keywords : LGBTphobia intrafamily . Suffering. Violence.

1 INTRODUÇÃO

Levando em consideração o aumento de pessoas que se declaram LGBT+ (Lesbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros) é preciso que a mesma tenha seus direitos preservados assim como qualquer pessoa, no entanto sabemos que esta população considerada minoria é em boa parte de suas vidas discriminadas por terem uma orientação sexual e ou identidade de gênero diferente da maioria que é estabelecida como normal, e por este motivo seus direitos acabam que sendo violados.

É com base nesta realidade e nas pesquisas que apontam o nível de mortes causadas por LGBTfobia à cada ano, não só no Brasil mas no mundo, foi que se escolheu esta temática para ser abordada, pois assim esta pesquisa pode ser relevante para que a comunidade social e acadêmica compreenda a dimensão do sofrimento psíquico decorrente dessa ação.

Com base no terceiro Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil (BRASIL, 2016) foi apontado 9,31 violações de direitos humanos de caráter LGBTfóbico do total de denúncias diárias. Referente ao número de mortes de pessoas LGBT+ a ONG Grupo Gay da Bahia retrata que houve 445 mortes de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais no Brasil, onde inclui três nacionais mortos no exterior. Em relação ao que chama de homotransfobia houve em 2017, 387 assassinatos e 58 suicídios. (MOTT, PAULINHO, 2018).

A LGBTfobia é, segundo o Ministério dos Direitos Humanos, “uma violência enfrentada pela população LGBT, que consiste no ódio ou aversão a sua manifestação sexual” (BRASIL, p.8, 2018). Esta atitude de discriminação para com pessoas LGBT+ ocorre em variados contextos e circunstâncias, podendo também partir da própria família por muitas vezes não aceitar a sexualidade ou orientação sexual do filho (a) ou irmão(ã) essa atitude é por vezes sutil e deixada de lado por não ser diretamente explícita, e é nesta perspectiva que será aqui tratado da LGBTfobia no contexto familiar, chamando assim atenção para que se perceba as consequências desta ação.

Com base no Ministério dos Direitos Humanos (2018), o autor descreve a violência como um ato que se utiliza da força para impor algo, ela é entendida como uma forma de

querer dominar sem legitimidade diante da lei, fazendo uso de coerção física ou psicológica sobre o indivíduo.

O termo homofobia é utilizado para designar a violência contra os homossexuais, bifobia contra pessoas bissexuais e transfobia para pessoas transexuais, porém o termo homofobia se popularizou e passou a ser utilizado para as demais categorias, no entanto atualmente tem-se usado o termo LGBTfobia para abarcar toda a diversidade sexual.

Neste sentido o objetivo geral desse artigo é analisar o sofrimento da pessoa vítima da LGBTfobia pela família, identificando as consequências decorrentes desse ato para a vida da pessoa, para que assim possa expor este tipo de violência, atentando para a saúde do indivíduo. Contudo, para isso será descrito como as pessoas se sentem diante da prática da LGBTfobia intrafamiliar, e identificar como a prática da mesma afeta o cotidiano das pessoas que o vivenciam, e observar se há um padrão em relação aos impactos deste fenômeno na questão dos laços afetivos com os familiares.

Acredita-se que através da pesquisa poderá dar uma maior visibilidade para a questão do sofrimento do sujeito que vivencia este tipo de preconceito em sua casa, contudo contribuindo para que seja um meio de acesso a informação sobre a temática e que assim possa contribuir para as futuras pesquisas de quem assim despertar interesse em aprofundar.

2 REFERENCIAL TEORICO

2.1 VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO LGBT+

Com base em Paviani (2016) a violência possui um conceito amplo e complexo por existir diferentes teóricos que a definem, mas, no entanto a mesma é tida na maioria das vezes como algo fora do normal que com o tempo foi naturalizada como pertencente à vida humana, onde a utilizam como forma de afirmar poder sobre alguém ou até um grupo, a violência pode ocorrer de varias maneiras e por este motivo ela foi categorizada.

Nessa perspectiva com base em Cabral *et al*, (2013, p.122, *apud* ARAUJO E GOMES, 2018) a Organização Mundial de Saúde (OMS) fala que a violência contra LGBT+ :

[...] apresenta-se estruturada sobre quatro categorias de violência sendo elas, as físicas, correspondentes a toda manifestação com o objetivo de ferir; violência psicológica, caracterizada pela humilhação, desrespeito, rejeição, entre outros; violência sexual, quando o agressor abusa de seu poder sobre a vítima na obtenção da gratificação sexual, sem o consentimento da vítima; e negligência, que é a omissão do responsável em proporcionar as necessidades básicas de seu dependente.

Dentro do aspecto violência o qual pessoas LGBT+ vivenciam, tem-se a da homofobia que é usada de maneira generalizada para abarcar a população LGBT+ e não apenas

homossexuais, diante disto, Sousa e França (2016), apontam que devido à cultura possuir como norma social a heterossexualidade, a violência e preconceito frente à diversidade sexual se torna um problema para o qual se deve buscar transformações e medidas perante esta intolerância.

Koehler (2013), define como homofobia em sua pesquisa, sendo esta uma rejeição e ódio às pessoas que manifestam orientação sexual e/ou identidade de gênero diferente da heterossexual. No relatório sobre violências LGBTfobicas no Brasil, o fenômeno da LGBTfobia é descrito como um conjunto de sentimentos negativos frente à pessoas que se distanciam das regras impostas sobre a sexualidade vinculada à heteronormatividade. (BRASIL, 2018)

Devido construção social da heteronormatividade, Resende (2016) retrata que a população LGBT+ acaba por se tornar vítima da sociedade, tendo seus direitos violados e oportunidades limitadas por não se encaixarem na norma imposta construída como ideal. É neste sentido que Coelho, Silva e Lindner (2014), descrevem esta atitude de violência como um problema social, problema este que tem crescido e se camuflado, devido afetar diretamente a saúde de quem a vivencia com frequência.

Jesus (2015, p71 *apud* VIEIRA *et al.* 2018) expõe em sua pesquisa referente a homofobia “que essa concepção de violência se baseia na desvalorização da diversidade sexual humana além de ser uma violência não reconhecida pelos algozes – e até mesmo pela comunidade”, desta maneira a mesma por vezes ocorre e não há notificação apenas quando agressão física chega acontecer é que toma-se alguma medida.

Com base no Relatório sobre violência LGBTfobica no Brasil do ano de 2016, é exposto no mesmo que este tipo de violência tem aumentado no Brasil de acordo com os dados coletados para a elaboração do relatório, esta pode ocorrer em vários locais, desde a rua até a própria casa da vítima. (BRASIL, 2018)

Albuquerque *et al* (2016), aponta que a violência psicológica é a que mais ocorre contra a população LGBT+, esta por sua vez não é tão evidente quanto a violência física e por este motivo é passada despercebida por ocorrer de forma discreta, porém é uma violência que afeta o interior do individuo podendo contribuir para aparecimentos de transtornos mentais por afetar a saúde mental das pessoas vítimas.

2.2 FAMILIA E LGBTFOBIA

Sobre a violência intrafamiliar Magalhães *et al.* (2017), abordam a violência intrafamiliar como um ato negativo realizado por algum membro da família que resulta em danos à outra pessoa integrante da mesma. Souza e Silva(2018), corroboram na definição da

violência intrafamiliar, relatando que a mesma interfere no bem estar do indivíduo, consequentemente afetando a integridade humana prejudicando o direito do mesmo a ter um pleno desenvolvimento.

Os autores Perucchi, Brandão e Vieira (2014), destacam a família como uma instituição que também repassa valores e crenças e por isto podem reproduzir formas de violência e discriminação já citados devido pertencerem a heteronormatividade estabelecidas pela cultura a qual por muitos anos foi repassada como a correta, os autores apontam que esta violência causa grande impacto na saúde do indivíduo que vivencia.

Com base em Albuquerque *et. al* (2016), o apoio social e familiar é tido em sua pesquisa como uma estratégia de enfrentamento da problemática da violência psicológica sofrida pela questão da sua orientação sexual, onde as pessoas buscam amigos e familiares para se amparar. Porém nem sempre essa busca acontece devido aos familiares muitas vezes não aceitar essa população.

Nascimento e Scorsolini-Comin (2018) aborda esta questão da família ser compreendida como instituição que deveria apoiar e acolher o sujeito diante de variadas situações incluindo a revelação da sua orientação sexual e identidade de gênero, porém destaca que isso não ocorre com frequência podendo contribuir para a permanência do indivíduo no “armário”, tendo como consequência algum tipo de sofrimento.

O sofrimento psíquico consequente desta ação torna-se um fator que aumenta a vulnerabilidade do indivíduo LGBT+ em adotar comportamentos de risco, como uso de substâncias e até mesmo tentativa de suicídio, numa busca por amenizar o sofrimento que lhe aflige. Desta maneira cada indivíduo busca por uma forma de amenizar o seu sofrimento. (ALBURQUEQUE *et. al* , 2016)

Braga (2018) contribui em seus estudos onde relata que a falta de apoio familiar na revelação da orientação sexual e identidade de gênero, afeta a saúde mental destes indivíduos podendo culminar em ansiedade, depressão e até mesmo ideação suicida.

Referente ao medo da pessoa em assumir a sexualidade para a família, Gomes *et al.*(2014) expõe em sua pesquisa sobre a violência homofóbica, relatos coletados na mesma, que podem contribuir para a identificação deste conflito familiar acerca da sexualidade.

Rezende (2016) expõe que a população LGBT+ vive vários conflitos nas suas relações, principalmente na família pela não aceitação onde esta em alguns casos resulta na saída de casa seja por solicitação da família ou até mesmo pela impossível convivência harmoniosa.

É entendido como parte essencial na formação dos sujeitos, a participação e aceitação da família nesse processo, e o ser humano necessita de reconhecimento para sua estruturação e espera-se principalmente da família, por ela ser a primeira instituição a qual o sujeito é inserido e esta quebra é uma das causas de maior estresse na vida do sujeito quando vivencia a sua autoaceitação e revelação ao outro (TOLEDO; FILHO, 2013). Nascimento (p.1535, 2018), soma ao dizer que “os pais tentam resolver essa questão da revelação é por meio das violências física e psicológicas, o que pode colaborar para que a revelação seja adiada ou ocultada, dependendo do caso”.

O Relatório de violência homofóbica no Brasil, reafirma o fato de a LGBTfobia estar fortemente vinculada a família, devidos aos dados que mostram a relação de proximidade da vítima com o agressor e o local em que vivenciam a violência, ao se fazer a denuncia no “disque 100” e a maioria vem de pessoas conhecidas e próximas (BRASIL, 2016).

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, a qual de acordo com Minayo “[...] trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (MINAYO, p. 21, 2002).

3.2 PARTICIPANTES

Para selecionar os participantes foi utilizado o seguinte critério de inclusão: se autodenominar LGBTQ+, ter vivenciado ou estar vivenciando violência relacionada à sua orientação sexual ou identidade de gênero pela família, ter entre 18 à 30 anos por considerar a maioridade como um fator que contribui para a fala sem autorização do familiar que pratica a violência, e residir na região do cariri.

Quanto ao critério de exclusão foi levado em consideração o fato da pessoa não se identificar como pessoa LGBTQ+, não ter sofrido LGBTfobia intrafamiliar, ter idade inferior ou superior a designada acima.

Ainda referente à amostragem foi utilizado para selecionar os participantes o método *snowball* (bola de neve), descrito por Vinuto (2014) como um método que visa estudar uma população difícil de ser acessada, a utilização deste método se dá onde uma pessoa a qual se voluntariou a participar iniciando o procedimento de entrevista irá indicar ao final, outra pessoa e assim sucessivamente ate completar o número da amostra, neste caso foram entrevistadas cinco pessoas.

Em relação ao número da amostra inicialmente seria entrevistado seis pessoas pela técnica da bola de neve na perspectiva de variar entre a população LGBT+, devido à dificuldade na marcação de horário para a entrevista e desistências de entrevistas já agendadas, só foi possível realizar cinco entrevistas, onde ainda foram contatadas quatro pessoas fora estas cinco.

Referente aos dados dos entrevistados, todos os cinco participantes eram do sexo masculino e se autodenominavam homossexuais todos eram estudantes universitários, tinham idade entre 20 a 24 anos, e residiam nas cidades de: Crato, Juazeiro do Norte e Santana do Cariri. Com relação a terem feito a declaração da sua orientação sexual, apenas um disse não ter contado aos pais, o segundo entrevistado relatou ter confessado para a mãe, os outros três contaram que a confissão foi feita primeiramente para irmã ou irmão e só depois contaram para os pais.

De acordo com os relatos colhidos nas entrevistas temos diferentes configurações familiares, o primeiro entrevistado mora com o pai e a mãe e declarou ser filho único, o segundo mora apenas com a mãe onde relatou que seu pai morreu quando ele era criança, o mesmo também é filho único. E o entrevistado seguinte, disse ser o terceiro filho de cinco, e atualmente não mora com os pais devido à faculdade, convivendo com os mesmos nos finais de semana, o quarto entrevistado é o quarto filho e também convive com os pais nos finais de semana por conta da faculdade.

3.3 ASPECTOS ÉTICOS

Foi disponibilizado para todos os participantes da pesquisa o termo de consentimento livre e esclarecido o qual os mesmos puderam ler e avaliar se concordavam em participar da pesquisa, este termo teve como base a Resolução do Conselho Nacional de Saúde- CNS de Nº 466/12, onde prezou para que a autonomia do participante fosse preservada, assim como a dignidade e o anonimato dos participantes, também foi apresentado os riscos e benefícios da pesquisa, esclarecendo qualquer dúvida que o participante viesse a ter.

Ao concordarem em participar da pesquisa foi entregue o termo de consentimentos pós esclarecido para que estes assinassem confirmando sua participação, também foi informando que o mesmo pode a qualquer momento desistir da pesquisa sem que isto lhe traga nenhum dano. Todos os participantes foram avisados que teriam suas informações e dados pessoais confidenciais, e que seu nome não aparecerá em nenhum local inclusive quando os resultados fossem apresentados, mantendo sob sigilo e exposto na pesquisa de maneira anônima, priorizando assim o bem estar e segurança dos participantes. Todos os participantes assinaram o termo em que autoriza o uso da gravação de voz no momento da entrevista.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO e todos os entrevistados foram informados da aprovação desta pesquisa pelo comitê de ética.

3.4 PROCEDIMENTOS

Esta pesquisa se dividiu em três etapas:

Etapa 1- inicialmente realizou-se um levantamento teórico acerca dos temas pertinentes a essa pesquisa, utilizando as bases de dados PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia, SciELO - Scientific Electronic Library Online e Science Direct e o google acadêmico e como descritores “homofobia”, “LGBTfobia” “homofobia na família” e “violência”, selecionando assim os artigos que foram publicados a partir do ano de 2013 até os dias atuais.

Etapa 2- aconteceu a realização da entrevista, o qual foi marcado com o participante o dia e local conveniente para o mesmo, com duração aproximada de 30 minutos, e no momento foi feito perguntas disparadoras como por exemplo: “como foi o processo de se assumir para a família”, “qual experiência LGBTfobica intrafamiliar que mais lhe marcou”, “houve mudança na relação com a família após ter exposto a sua orientação sexual e/ou identidade de gênero”, a partir dai foi dando inicio aos relatos onde se pretendeu que ocorresse em forma de dialogo para que os participantes se sentissem mais abertos para relatar ao invés de seguir um questionário que limitasse a fala do mesmo.

Etapa 3- Os dados obtidos nas entrevistas foram analisados, por meio da análise de conteúdo criada por Bardin, o qual segundo a descrição de Urquiza e Marques (2016), este instrumento se divide em quatro etapas sendo estas a organização da análise; a codificação; a categorização e a interpretação dos resultados. Silva e Fossá (p.2, 2015), apontam que a “análise de conteúdo é uma técnica de análise das comunicações, que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador”. Uma característica apresentada ainda por Silva e Fossá (2015) deste método de análise é classificação dos dados em categorias ou temáticas com base nos relatos trazidos e assim facilitar o entendimento do que está implicado na fala dos participantes.

Com esta análise buscou verificar o sofrimento da pessoa vítima da LGBTfobia, e identificar as consequências desta atitude, onde os conteúdos presentes nas falas dos participantes foram divididos por categorias. Com base na leitura minuciosa dos relatos e após uma pré análise dos conteúdos das falas dos entrevistados, observou-se uma repetição em determinados conteúdos, desta maneira extraiu-se destes relatos, quatro categorias sendo

estas: “sentimentos”, “influência da religiosidade para a LGBTfobia”, “relacionamento familiar” e “tipo de violência sofrida”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 SENTIMENTOS QUE ACOMPANHAM O SUJEITO NA SUA DESCOBERTA

Em torno da fala dos participantes pode-se notar fortemente a presença da culpa diante da condição de ser homossexual que é socialmente estigmatizado e Felicissimo *et al.* (2013), fala que as pessoas podem internalizar o estigma chegando ao ponto de autonegação, de desvalorização fazendo consigo aquilo que já espera que a sociedade fará, por motivo destas pessoas pertencerem à uma população que a sociedade discrimina e nega, contribuindo assim para os sentimentos de vergonha, de culpa e provocando um questionamento sobre si mesmo.

Neste sentido, pode ser observado nas falas dos participantes tais sentimentos:

“[...]quando chegou o ensino médio isso já chegou a mudar, esse meu desejo, essa minha atração por homens começou a se tornar mais real só que em mim eu não aceitava, eu ainda tinha muito aquilo de querer agradar meus pais sabe, tinha noites que eu rezava pra um dia gostar de mulheres e rezava, chorava[...]” – C.L. 20 anos.

“eu tive primeiro que desconstruir o monstro que eles criaram da figura gay da figura viado para eu poder me aceitar. Meu primeiro beijo gay foi aos quinze anos de idade ou dezesseis entre isso, e eu lavei minha boca com quiboa as três primeiras vezes que eu beijei[...]se sentia errado e culpado, e chorava,” J.S. 21 anos.

Encontra-se na pesquisa de Albuquerque *et al.* (2016), uma contribuição ao que se refere a LGBTfobia, onde esta acarreta estresse para o sujeito incluindo até mesmo quadros depressivos que comportam características como sentimentos de culpa, de desconfiança e etc, são sentimentos que permeiam por certo tempo a vida desta população.

“[...] quando por exemplo em algumas interações na adolescência com outros meninos após isso eu me sentia muito culpado, e inclusive acho que isso reverbera muito por que tem algumas situações que as vezes eu ainda me sinto culpado não consigo ainda de fato...fico pensando ah mas isso tem a ver com esses traumas da adolescência da maneira como fui socializado, numa família cristã enfim...” –A.V. 22 anos.

Ainda se tratando da culpa, Oliveira (2019) fala que é um sentimento que está associado à responsabilização do individuo sobre determinadas atitudes onde estas podem ser vistas por meio de exposições, e a vergonha seria a reação após o fato ser visualizado, neste sentido os entrevistados sentem culpa inicialmente por se identificarem como homossexuais julgando-se responsáveis pela condição a qual nasceram.

“[...] tipo assim na hora que beijou você tipo para sabe, e na hora que soltou, eu comecei a chorar um sentimento de medo, de culpa de que o que você tá fazendo com a sociedade é errado que aquela besteira de religião que você vai pro inferno, que seus pais vão colocar você pra fora de casa, que você é abominação vem tudo de uma vez, você fica parado assim da muito medo, da muito medo é um terror assim dentro de você.” -M. E. 24 anos.

O quinto entrevistado demonstrou ter vivenciado esse processo de maneira mais tranquila visto que nesta época de autoconhecimento adentrou em um movimento estudantil o qual diz ter lhe auxiliado nesta fase, porém diz:

“acredito que pra todo mundo é sempre muito complexo quando você sente um desconforto dentro de uma questão imposta ne” -R.S. 20 anos.

No desenrolar da entrevista o mesmo participante apontou outro aspecto que considerou ter favorecido sua trajetória que foi:

“[...] foi mais flexível por eu não ter tido nenhuma convivência paterna e daí como fui criado só por minha mãe, eu acredito que foi um dos obstáculos que eu não tive, a figura de um homem chefe de família dentro de casa” - R.S. 20 anos.

A presença destes sentimentos é encontrada em muitos estudos e é reforçado a mesma perspectiva de medo da rejeição familiar e pela condição de se auto perceber diferente daquilo que é exigido socialmente. (GUIMARÃES *et al.*, 2019)

Na literatura é comum encontrar quando se refere aos sentimentos da pessoa LGBT+, o sentimentos de inferioridade, de culpa, medo frente ao julgamento das pessoas inclusive da família, o sentimento de estar cometendo um erro e assim decepcionar a família, assim desenvolver no individuo uma auto vigilância que faz com que ele observe seus comportamentos por medo das consequências. (COSTA; MACHADO; WAGNER, 2015).

Em uma pesquisa foi apontado que a questão da não aceitação ou suposição dessa negação por parte da família faz com os sujeitos vivenciem um conflito interno colocando em questão seus sentimentos, sua orientação sexual de maneira a sentirem culpa ou vergonha na experiência homoafetiva, chegando a esconder da família seu relacionamento amoroso por considerar estarem quebrando os chamados “mitos e ritos familiares” (BRITO; CUNHA; GOMES, p.5, 2014).

4.3 INFLUÊNCIAS DA RELIGIOSIDADE PARA A LGBTFOBIA

Na categoria nomeada de “*religiosidade*”, faz-se necessário apontar que segundo Neto (2018) há uma forte influência das crenças e dogmas religiosos principalmente ligadas à

religiões de matriz cristãs, que acabam compactuando para a existência da LGBTfobia, e afetando a vida daqueles que são atingidos por uma criação baseada nestes princípios. E nesta pesquisa houve a presença dessa influencia religiosa na fala dos entrevistados.

“eu queria muito agradecer eles (os pais) então eu rezava e chorava pedia a Deus pra um dia eu gostar de mulheres, só que isso não acontecia” C.L. 20 anos.

“[...]diziam que isso era errado que isso não me faria ter o reino dos céus, minha família é muito religiosa” J.S. 21 anos.

Considerando a influencia da religião na compreensão da sexualidade, Ribeiro e Scorsolini-Comin (2017), abordam que a ação da religião perpassa por vários aspectos da vida do sujeito, e também o intrapsíquico por meio das crenças e valores repassadas pela religião, isto acontece por considerar que esta dimensão acompanha um longo período da vida do mesmo, deixando marcas que irão contribuir em seus comportamentos seja de aceitação ou negação vai depender de cada seguimento religioso.

“[...]dai tem sempre aquela coisa ne vários elementos que levam você a querer renegar isso que enfim, é uma condição humana sua que por valores religiosos, sociais colocados pra você de padrão do que é certo e do que é errado você acaba que enfim, se martirizando e tentando abafar e reprimir aquilo que é uma manifestação sua” A.V. 22 anos.

“como eu não tive contato com meu pai eu ate corrijo, porque meu pai ele mora em Brasília, ele também é evangélico e dai a única vez que eu tive contato com ele foi uma ligação que ele me fez simplesmente para perguntar se eu era gay, que também foi antes do meu processo de auto afirmação e dai..na época também neguei”- R.S 20 anos.

A religião por vezes reforça a não aceitação da homossexualidade pela sua maneira de interpretar a mesma, onde esta é envolvida por um teor negativo que faz com que não haja facilmente aceitação por parte das famílias que mantém enraizado determinadas crenças (SILVA, et al . 2015).

“Ela (mãe) pode ate não falar proposital ne mas, tem assim umas falas que dói muito: isso não era pra existir, isso não dá certo isso não presta, isso é coisa do demo sabe...são coisas que dói, são essas coisas bem pequenininha que dói muito. eu busco é tipo quebrar a ideia que eles tem de gay, aquela coisa de você viver, sei lá, tipo com o demônio na sua cabeça que tá ali lhe impondo a você fazer uma coisa.” –M.E. 24 anos.

É muito comum que algumas religiões, como Ribeiro e Scorsolini-Comin (2017), ressaltam, impõem comportamentos e atitudes que devem ser seguidos pelos membros e praticantes da mesma, para que desta maneira haja uma padronização ao que se refere à sexualidade e suas manifestações. As crenças do que se considera certo e errado adquiridos no

contato com a religião são reproduzidos pela família através da educação e também internalizada pelo indivíduo.

Algumas religiões pregam a homossexualidade como pecado e Trevisan (2000 *apud* SOLIVA; SILVA, 2014) enfatiza que esta é ainda uma das maneiras que a família acredita e se baseia para a educação dos filhos, entendendo que a prática homossexual vai contra a vontade divina no propósito da procriação e perpetuação da espécie.

Diante do exposto é possível observar a influência ativa dos preceitos religiosos tanto de maneira internalizada no sujeito como também repassada através da educação por uma família com uma base religiosa mais forte.

4.4 REVELAÇÃO OU OCULTAÇÃO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL

É necessário destacar o que Silva *et al.* (2015) aponta sobre a sexualidade, quando fala que a construção da sexualidade se inicia na interação familiar, através das trocas afetivas, dos diálogos, e até mesmo pelas impressões percebidas e experimentadas pelo sujeito na relação familiar, desta forma se compreende que esta é um processo aprendido e apreendido.

O primeiro entrevistado relatou não ser assumido para os pais:

“já chegou o caso de meu pai me perguntar na cara dura se eu era viado (aos 17 anos) usando essas palavras e eu não tinha coragem de dizer e eu dizia não pai eu não sou, e era briga e tudo” C.L. 20 anos.

No decorrer da entrevista, o mesmo expos o motivo pelo qual ainda não tinha tido coragem de falar para o pai, *“quanto mais íntimo você é de uma pessoa parece que é mais difícil de você contar por medo de como essa pessoa vai reagir principalmente quando você gosta da pessoa aquele medo de não querer decepcionar sabe” C.L. 20 anos*, o entrevistado ao final conta que hoje espera novamente pela pergunta dos pais para poder afirmar que é LGBT.

Esta fala acima pode ser justificada pela contribuição de Nascimento e Scorsolini-Comin (2018), quando diz que a dificuldade da pessoa em se assumir para a família deve-se ao medo da rejeição e decepção que poderia causar à família por não ser aquilo que esperavam dele, referente aos papéis impostos culturalmente aos gêneros masculino e feminino.

O relato de A.V também se relaciona com a citação acima sobre a dificuldade em externar para a família sua orientação sexual, a qual só fez recentemente para sua irmã mais velha onde enviou uma carta por email e para seu pai enviou uma mensagem pelo celular,

mas, relatou como era na adolescência essa vontade e ao mesmo tempo medo de contar, quando ele diz:

[...] é um tanto engraçada, mas, é sofrido que até eu conto pras minhas amigas hoje, que durante meu ensino médio eu ia dormir com uma super vontade de amanhã eu vou amanhecer e durante o café da manhã eu vou contar pros meus pais só que a coragem da noite quando amanhecia já não estava mais presente, eu dizia cadê a coragem, mas eu não conseguia mais contar.” - A.V. 22 anos.

Considerando a fala de R.S, o mesmo foi questionado algumas vezes sobre sua orientação sexual, e o mesmo negou ainda que tenha afirmado já ter consciência da sua homossexualidade, negou quando o irmão perguntou, negou para a mãe, negou para o pai em seu único contato com o mesmo, mas, diz que com ajuda dos movimentos sociais o qual se engajou bem cedo conseguiu rapidamente se aceitar e em seguida manifestar com naturalidade sua orientação sexual, seus desejos e sentimentos.

Com base nestes papéis impostos citado por Nascimento e Scorsolini-Comin (2018), um dos participantes demonstra o quanto isso era presente em seu desenvolvimento, o mesmo relata:

“eu tive dois relacionamentos com mulheres por que o que me foi ensinado é que a relação amorosa é a relação heterossexual” -R.S 20 anos.

O mesmo entrevistado acima retrata um pouco da imposição da heterossexualidade assim como a influencia da figura do irmão mais velho hetéro:

“é sempre muito complexo quando você sente um desconforto dentro de uma questão imposta ne, como, eu tenho um irmão mais velho e a gente sempre tentou se portar dentro daquela imposição dos papéis do que é ser homem -R.S 20 anos.

O quarto entrevistado declarou ter se assumido pela pressão, disse que certa vez seu irmão mais novo lhe perguntou se o mesmo era gay ele então assumiu, seu irmão disse apenas não contasse para a mãe deles, mas logo houve também pressão da mãe, já que ele namorava e conversava muito ao telefone e ela demonstrava curiosidade chegando por vezes a perguntar a ele quem era a menina que ele conversava e então relatou:

“ela perguntou o que tava acontecendo ai eu peguei e falei mãe eu tô namorando um menino , eu sou gay e pronto gosto de ficar com menino ai ela.. ai pronto ficou aquela rev..ela ficou assim muito estranha sabe ficou triste ao mesmo tempo com raiva... ficou uma coisa solta, ela apenas escutou ignorou e ficou com raiva” - M.E 24 anos.

Na maioria dos casos encontrados na literatura o momento em que é feita a “revelação” da orientação sexual para a família, esta não reage de maneira a acolher e promover a saúde e bem estar do seu familiar, mas por vezes assume uma postura em que inferioriza o sujeito através de algumas formas de violência devido o indivíduo não agir conforme a heteronormatividade, desta maneira o ambiente familiar que supostamente deveria proporcionar segurança, proteção e amor acabam resultando em hostilidade. (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014).

Ainda que tenha sido exposta para a família a orientação sexual, os pais em algumas ocasiões matem uma tentativa de trazer o sujeito para a norma sexual, e isto aumenta o sofrimento da pessoa vítima, e assim o ambiente se torna tenso e conflituoso, por já possuir dificuldade em expressar sua sexualidade fora de casa, e muitas vezes já não ser aceito pela sociedade. (NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2018). Neste posicionamento de não aceitação vinda da família, os sujeitos encaram uma fase conflituosa em que desencadeia adoecimentos, afetando assim a saúde destas pessoas. (BRITO E CUNHA; GOMES, 2014).

Os entrevistados demonstraram a dificuldade que tiveram inicialmente em ter uma conversa com os pais para se declarar LGBT+, onde acabaram que relatando aos mesmos de maneira improvisada diferente do que esperavam acontecer.

4.5 RELACIONAMENTO FAMILIAR

Toledo e Filho (2013), falam que os indivíduos prezam inconscientemente por uma lealdade à família, onde esta os faz não questionar sobre assuntos e comportamentos adotados pela família, tendo conhecimento do que pode e o que não pode conversar. Neste sentido o sujeito pode perceber que a família não saberia lidar com determinados assuntos já que pelos comportamentos da mesma observa-se a sua reação. Como exposto na fala dos entrevistados:

“quando aparece um caso na novela ou jornal, noticiário, se ele (Pai) vê uma travesti sendo morta ele fica horrorizado, ‘isso não precisa acontecer, mas eu não queria ter um filho gay’ sempre tem aquele mas então eu nunca me senti a vontade de conversar esses assunto com eles” “ se vê na TV um casal gay se beijando ele fala que isso é errado não devia passar na TV porque tem crianças vendo como se tivesse influenciando, eu acredito a gente já nasce gay”- C.L. 20 anos.

“Minha família é muito machista, minha vó reproduz machismo de uma forma bem visível, meus tios também permanecem com pensamento muito machista e minhas tias por serem criadas por minha vó também se tornaram reprodutoras do machismo, e eu sempre me omiti, não conversava, não falava na frente dos meus tios...” - J.S. 21 anos.

As famílias sabendo da orientação sexual ou até mesmo que não tenha sido declarada a elas, agem como se suspeitassem e então passam a impor que seus filhos ou filhas adotem

comportamentos heteronormativos estabelecidos para seu sexo biológico (TOLEDO E FILHO, 2013) e podemos perceber na fala de alguns participantes a maneira que isto ocorre:

“[...]meus pais ate reproduziam aquele discurso super machista, prendam suas cabras que meu cabrito esta solto e eu digo não gente eu não quero isso sabe, nunca me identifiquei.” e ele (pai) dizia você tem que ser macho pra jogar bola e eu não gostava disso. Toda vez que a gente sai em família que ele (pai) vê uma menina que pra ele é bonita ele dizia oh dá certo pra tu, por que tu num vai nela, chega nela..” - C.L. 20 anos.

“na infância eu era muito oprimido por ter as características ditas da mulher, já tive o braço torcido por andar com a mão baixa, já tive tapa na boca para aprender a falar como homem, vivia lá em vó e eles (tios maternos) tinham isso de me corrigir”- J.S. 21 anos.

“[...]minha irmã eu já vejo, que ela foi um pouco mais complexa pro meu lado tanto que ela é uma pessoa essencial na minha vida posterior a esse processo meu, entre os irmãos ela era a única mulher mas que foi a que mais me repreendeu de certa maneira, ela chegava nos canto e pedia pra mim falar de direito que eu tava falando muito afeminado, pedia pra andar direito e tal”. -R.S 20 anos.

Na relação familiar encontra-se também com base na investigação dos Junior, Oswald e Pocahy, (2018), a presença em certos casos de uma vigilância, cobrança e perseguição sobre o membro da família declarado homossexual, e isto é identificado na fala de um participante quando conta que *“se você sai ficam lhe seguindo já ocorreu muitas vezes de meu pai ficar me seguindo pra vê com quem é que eu tava” M.E. 24 anos.* E Braga et al.(2018, pag. 1300), aborda que no “processo de desconfiança e investigação acerca da sexualidade de seu filho, a família exige, direta ou indiretamente, que a pessoa homossexual se auto revele e, após a revelação, estabelece que o mesmo se auto anule”

Esta dificuldade na aceitação da orientação sexual dos filhos se dá, com base em Rosa, Barr e Souza (2017), pela ocorrência de um luto pela morte simbólica de um filho(a), o qual foi depositado expectativas e idealizações as quais precisam serem, desfeitas, Kovács (2002 *apud* CAPUTO, 2014, p. 40) explicita que: “o processo de luto por definição é um conjunto de reações diante de uma perda”, por este motivo há muitas vezes o sentimento dos pais de terem cometido algum erro.

Ao observar as falas de alguns entrevistados sobre o relacionamento da família atualmente com eles, os mesmo acreditam que os pais se culpam por terem falhado na criação e de alguma forma tentam compensar dando lhes mais atenção.

“[...]meu pai e minha mãe eles sempre enfim acho que eles me tratam de maneira diferente em relação ao meus outros irmãos não sei se é uma preocupação a mais, se é no sentido de, ao que me parece é no sentido de me dar mais atenção, ai fico me perguntando se é uma coisa que eles

carregam no sentido de ah o que foi que fiz de errada então vou tentar compensar mais”. – A.V. 22 anos.

“[...]assim eu vejo que ele (pai) tem um carinho a mais por mim que ele não demonstrava antes, por que antes era com meu irmão mais novo maior frescuragi e comigo nada ai hoje em dia se eu ligo pra casa ele quer falar comigo, saber o que ta acontecendo, se to precisando de alguma coisa tipo isso, minha mãe também, tipo quando aconteceu eu me afastei dela mas hoje em dia sou bem próximo dela.”-M.E. 24 anos.

O quinto entrevistado fala da dificuldade que a mãe teve de aceitar inicialmente a sua orientação sexual. *“ela é uma pessoa muito jovem, ela tem muitos amigos que são LGBT inclusive que sai pras festas e tal, ela é a tia legal da família, mas que no início foi muito difícil pra ela acredito que todos os pais seja, hoje eu já consigo ter uma discussão melhor com ela” R.S 20 anos.*

É possível que haja mudanças no relacionamento familiar após a homossexualidade dos filhos serem declarada, como aponta Nascimento e Scorsolini-Comin (2018), causando frustração para ambos os lados, para os pais que nutriam uma esperança e de repente se deparam com a confirmação da orientação sexual dos filhos(as), agindo assim de maneira agressiva ou até silenciosa, e aos filhos(as) surgem a angustia de não ter encontrado acolhimento e apoio no ambiente o qual esperaria que fosse disposto, os autores destacam que a aceitação também é um processo para a família..

4.6 VIOLÊNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Com base na pesquisa de Albuquerque *et al.* (p.101, 2016), “qualquer manifestação sexual contrária aos padrões heteronormativos pode vir a ser alvo de violência física, sexual e/ou psicológica”, pode-se perceber claramente a veracidade deste fato nos relatos dos entrevistados onde falam de violências sofridas no decorrer da sua vida devido a sua orientação sexual.

Em alguns dos relatos trazidos observa-se uma violência velada, que não é apontada diretamente ao sujeito mais que o atinge por o mesmo compartilhar da mesma situação, portanto é uma violência psicológica que afeta intensamente os sujeitos.

“se vê na tv um casal gay se beijando ele (pai) fala que isso é errado não devia passar na tv por que tem crianças vendo como se tivesse influenciando” –C.L. 20 anos

“meus irmãos homens desde criança eles me chamavam de viado dessas coisas assim... em relação a meus pais, uma das coisas que era muito doloroso eram piadinhas enfim, ou comentários não exatamente direcionados a mim ne mas, que afetava como por exemplo, tava assistindo uma novela e tinha um personagem gay e dai vinha aquelas piadas de ‘ah

mas como é que homem com homem' enfim, coisas nesse sentido ai de certo modo me deixava muito desconfortável enfim chateado e triste” – A.V.22 anos

“ela (mãe) pode ate não falar proposital ne mas, tem assim umas falas que dói muito isso não era pra existir, ai como assim não era pra eu existir? entendeu direciona pra lá mas sempre trago pra mim, isso não dá certo isso não presta, isso é coisa do demo sabe...são coisas que dói, são essas coisas bem pequenininha que dói muito, bem pequenininha.”-M.E. 24 anos

Também é trazida nas falas dos participantes da pesquisa, a presença da violência física, por parte da figura masculina pai e tio das vitimas. Penha *et al*, (p. 985, 2013) apontam que a violência pode ocorrer por meio de palavras e/ ou ações que chegam a causar sofrimento no individuo, em relação a violência física, esta se caracteriza “pela presença de ações que atingem o corpo da vítima”.

“Falando assim de agressão já chegou um momento que meu pai me deu uma surra que ate então eu tinha muita raiva dele por causa dessa surra que levei... ele pegou essas corda de amarrar burro, pronto! doeu muito, ainda tentei empatar como eu era um pouco.. não tinha tanta força eu ainda segurei nos braços dele mas, ele lapiava e doía tanto” -M.E. 24 anos

“que de tanto eles(tios) falarem anda direito, fala como homem já levei tapa nas costa por que tinha que andar como homem não podia rebolar, foi criando um tempo, um período...começando meus treze, quatorze anos que eu não falava na casa da minha vó eu só pedia a benção a eles(tios) mais não me interagía, não conversava”- J.S. 21 anos.

É comum que a população LGBT+ sofra fisicamente e ou psicologicamente na adolescência ao deixarem explicito sua orientação sexual à família, e Taquette e Rodrigues (p. 1186, 2015) destaca que nesta fase está presente: “humilhações verbais, terror psicológico, surras, alguns chegando a ter fraturas ósseas e sequelas irreparáveis. [...] Alguns, por não resistirem a estas violências, encontram, no suicídio, a solução para se livrarem de todo este sofrimento”.

Diante do que foi citado acima, podemos confirmar através da fala dos participantes em que sua orientação sexual foi autodeclarada na adolescência, entre 15 e 16 anos de idade, e também se identifica nas falas dos entrevistados já apontados neste tópico, assim como em outras falas que não se pode deixar de citar que é a violência por meio de ameaças do tipo “ela (mãe) falou ainda bem que não é isso por que senão eu ia mandar você pra casa do teu padim lá em São Paulo”**R.S. 20 anos**, “mãe até falou, não vou lhe dá mais nada, não conte comigo se eu souber, se eu tiver certeza eu vou embora dessa casa entendeu” **M.E 24anos**.

Na pesquisa de Albuquerque *et al*. (2016) de titulo violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil, teve como resultado um

maior índice de ocorrência da violência psicológica, resultado de sua pesquisa e da literatura citada pelos autores, estes destacaram, que esta forma de violência é difícil de ser visualizada pelas vítimas e encarada como violência pois ela acaba sendo mascarada por mecanismos simbólicos. Oliveira (p.165, 2019) acrescenta que “o ‘insulto moral’ tende a ser retratado como menos material ou real que a ‘violência física’, e, desse modo, acaba invisibilizado no nível das instituições jurídicas”.

Na busca de esclarecer o que seria a violência verbal, Ntarelli *et al.* (2015), caracteriza que esta faz uso da fala, como forma de humilhar, ofender e até mesmo excluir os indivíduos, os autores apontam que em pessoas homossexuais no seu processo de auto aceitação, este tipo de violência pode resultar na própria negação da sua orientação sexual, ocasionando comportamentos que expressam o seu sofrimento psíquico.

Essa violência verbal pode ser exemplificada na fala de um entrevistado quando relata a atitude de seu pai ao ouvir pela porta ele discutir ao telefone com o namorado:

“[...] minha filha ele deu um chute na porta você tava ali tenso com uma coisa ai deu um chute na porta gritou pediu pra mim sair do lado de fora ai eu apenas corri rápido e fechei a porta com chave, ele ficou gritando você não é filho meu, prefiro vê você com a pior mulher, a pior prostituta do que vê você com outro homem a partir dali você já da aquele medo de sair você já fica mais acuado você é do quarto pro banheiro é do banheiro pro quarto..” M.E. 24 anos.

Não se pode negar que há inúmeras consequências diante deste ato de violência, no entanto Abranches, Assis e Pires (2013) destacam a necessidade de aumentar a identificação e notificação da violência psicológica, para que esta seja percebida e enfatizada, principalmente quando se inicia na infância e chega até a adolescência, interferindo no desenvolvimento do sujeito e levando sequelas para a vida adulta, como um dos participantes afirmou que até hoje se sentia inseguro em algumas situações devido à falta de segurança e apoio familiar não recebido no período do seu desenvolvimento.

Ao falar das consequências trazidas pela LGBTfobia intrafamiliar, deve-se apontar os relatos em que os entrevistados destacam aspectos da sua saúde mental:

“Tinha dia que eu ia pra escola arrasado, sem ânimo porque não tinha com quem desabafar mas, isso foi mudando, foi muito ruim mas não deixou nenhuma sequela, obvio que ainda temos medo mas é como se tivesse mais força, mais apoio” -C.L 20 anos.

“Teve um tempo da minha vida que eu sempre fui muito magro, a partir de uns nove anos, fui engordando de uma forma muito exagerada e eu consegui emagrecer aos quinze não se isso esta associado, se adquiri ansiedade nesse tempo, hoje em dia por laudo eu sou ansioso, não sei se o fato de eu não me entrosar com minha família foi algo psicológico, houve um distanciamento muito grande” - J.S 21 anos.

Frente a estas manifestações de violência e sobre as consequências da mesma, Ntarelli *et al.* (2015), salienta os efeitos negativos decorrentes da homofobia, como por exemplo a socialização do sujeito é afetada, assim como os comportamentos e atitudes naturais do cotidiano, a alimentação que também é prejudicada, os danos como se pode perceber são vários, e assim a saúde e qualidade de vida dessa população fica comprometida.

“Eu já tive transtorno de ansiedade intensa e também crise de pânico ne... eu acho que tenha a vê com isso, com esse medo de ser rejeitado em virtude de se perceber como uma pessoa LGBT... quando eu ficava sabendo de casos de pessoas LGBT que tinham se suicidado eu era muito afetado por isso e aí aumentava mais o meu estado de perturbação...ficava me projetando naquela situação”. -**A.V 22 anos.**

“Eu só fazia dormir ah eu me dopava que nem uma porra tomava..sei la buscava alguma coisa pra mim dormir o dia todim chegava da escola dormia só pra num ficar com esses pensamento na cabeça as vezes também eu comprava bebida era litrão nesse tempo.. pra você ficar só você, e seus pensamentos e tal e tipo ah vou me suicidar e tal, esses suicídio besta tipo aí vou parar de comer, eu parei de comer, uma vez passei três dias sem comer só na agua e dormindo.”-**M.E. 24 anos.**

Foi observado na pesquisa de Soliva e Silva (2014), que a violência em casa ocorre de maneira diferente considerando cada fase descrita pelos autores como, “fase da desconfiança”, “fase descoberta da homossexualidade” e a ultima que seria a “fase da reconciliação”, que pode ser a aceitação da família ou a saída de casa, estas ditas fases não acontecem como regra em todos os casos.

A violência decorrente da LGBTfobia acontece em varias categorias como já mencionado, e muitas vezes esta violência não ocorre isolada em uma única categoria, ela pode aparecer de maneira mesclada onde o individuo pode sofrer violência física logo após uma fala que se categoriza como violência psicológica ou verbal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns participantes indicados pelo método da bola de neve foram resistentes em participar, outros não houveram compatibilidade de horários com o pesquisador, tendo que solicitar uma nova indicação ao participante, tornando a etapa de coleta de dados lenta, e tendo que finalizar com os cinco participantes.

O sentimento de tristeza esteve presente nos relatos de forma implícita, sendo percebida apenas através das suas expressões faciais ao retornarem a assuntos como a falta de apoio da família nesse processo de aceitação de si para o mundo, e a culpa é percebida como uma consequência da violência LGBTfobica que é internalizada no inicio do processo de autoconhecimento da sua orientação sexual.

O tipo de violência mais comum e por vezes considerada a mais dolorosa é a violência psicológica e verbal que acarreta em sofrimento psíquico, tornando o sujeito mais vulnerável para adoecimentos e comportamentos de risco já apontados pela literatura e comprovadas na presente pesquisa, aos sintomas citados pelos entrevistados como diminuição da autoestima, ansiedade, uso exagerado de bebidas alcoólicas e até mesmo ideação suicida.

Esta categoria de violência acontece de forma sutil, e o sujeito que é vítima recebe em silêncio, entrando muitas vezes em conflito consigo mesmo, sem expressar seu sofrimento carregando a crença de que a família só quer o seu bem, fala reproduzida no senso comum, e assim as vítimas vão tentando justificar determinadas ações por motivos como falta de informação, herança de uma cultura, e até mesmo como maneira de protegê-los, sendo estas suas manifestações de preocupação.

É importante destacar que a experiência diante da LGBTfobia intrafamiliar ocorre de maneira subjetiva para cada pessoa, assim como qualquer vivência do indivíduo, mas, as consequências dessa ação por mínima que sejam são certas de acontecerem, e deixam marcas que acompanham esta população, e o tempo em que permanecem fazendo efeito vai depender da resiliência que cada um adotou, porém algumas atitudes influenciaram diretamente no desenvolvimento do indivíduo juntamente da sua identidade.

Referente ao relacionamento familiar foi possível perceber que em muitos momentos houve conflitos e desentendimentos principalmente na fase inicial da “descoberta”, mas aos poucos os laços afetivos se reconstituíram especialmente para aqueles que se declararam homossexuais mais cedo, e considerando a idade atual após este episódio, houve certo tempo para esta restauração.

A LGBTfobia intrafamiliar é considerada ainda mais dolorosa e causadora de maior sofrimento psíquico por levar em consideração que esta ação e atitude de hostilidade, agressão, e desrespeito venha partindo de pessoas as quais há uma forte ligação afetiva e que é romantizada para que haja apenas amor.

Compreende-se, no entanto que através dessa investigação pôde ser percebido a necessidade de uma maior discussão sobre essa temática da LGBTfobia intrafamiliar, considerando que muitas famílias desconhecem determinadas atitudes como violência, assim como há uma carência de informação sobre a diversidade sexual que por muito tempo esteve ocultada pelo tabu criado pela sociedade.

Acredita-se que ao proporcionar conhecimento acerca da diversidade sexual tanto para os familiares quanto para a própria população LGBTQI+, estaria assim contribuindo para a minimização da LGBTfobia intrafamiliar assim como para os sofrimentos psicológico,

favorecendo para a harmonia nas relações familiares ao compreender que o processo de aceitação ocorre em ambos os lados, e assim assegurar a saúde mental nessa dinâmica familiar.

Nesse sentido a psicologia atua dando suporte e acolhimento as vítimas da LGBTfobia intrafamiliar, assim como também para os agressores, que neste caso se configuram como a família da vítima, pois o processo de aceitação, e o próprio luto já mencionado pode acontecer para ambas as partes, portanto todos devem ser assistidos para que esse processo aconteça da melhor maneira.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, C. D.; ASSIS, S. G.; PIRES, T. O. Violência psicológica e contexto familiar de adolescentes usuários de serviços ambulatoriais em um hospital pediátrico público terciário. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.18, n10, 2013.

ALBUQUERQUE, G.A. *et al.* Violência Psicológica em Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais no interior do Ceará, Brasil. **Saúde em Debate**, v. 40, n. 109, 2016.

ARAÚJO, M. C. C.; GOMES, J. C. S. Gênero, Diversidade Sexual e LGBTfobia na Escola. **Geoconexões**, vol.1,2018.

BRAGA, I.F. *et al.* Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo. **Rev. Brasileira de Enfermagem**, vol. 71, n.3, 2018.

BRASIL. Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2013. Brasília: **Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República**, 2016.

BRASIL. Violência LGBTfóbicas no Brasil: dados da violência. Brasília: **Ministério dos Direitos Humanos**,2018.

CAPUTO, R.F. A morte e os vivos: um estudo comparativo dos sistemas tanatológicos Linense e Bororo e suas intervenções nas interações sociais nestes dois grupos sociais. Dissertação (**Mestrado**) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

COELHO, E.B.S.; SILVA, A.C.L.G.; LINDNER, S.R. Violência: **Definições e tipologias**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.2014.

COSTA, C. B.; MACHADO, M. R.; WAGNER M. F. Percepções do Homossexual Masculino: Sociedade, Família e Amizades. **Temas em Psicologia**, v. 23, nº 3, 2015.

FELICISSIMO, F. B. *et al.* Estigma internalizado e autoestima: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v.15, n.1, 2013.

GOMES, A. M.; REIS, A.F.; KURASHIGE, K. D. Violência e homofobia: um estudo sobre o preconceito e a agressão contra a população LGBT em Mato Grosso do Sul. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, 2014.

GUIMARÃES. A. N. *et al.* Relatos de jovens homoafetivos sobre sua trajetória e implicações para a saúde mental. **Escola Anna Nery**, v. 23, n1, 2019.

JUNIOR, D. R. C.; OSWALD, M. L. M. B. POCAHY, F. A. Gênero, sexualidade e juventude(s) Problematizações sobre heteronormatividade e cotidiano escolar. Porto Alegre, Civitas, v. 18, n. 1, 2018.

KOEHLER, S. M. Homofobia, Cultura e Violências: A Desinformação Social. **Interações**, n. 26,2013.

MAGALHÃES J.R.F. *et al.* Violência intrafamiliar para adolescente. Rio de Janeiro: **EEAN**, vol.21, nº1. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOTT, Luiz; PAULINHO, Eduardo Michels. Mortes violentas de lgbt no brasil relatório - 2017. **Grupo Gay da Bahia**, 2018.

NASCIMENTO, G. C. M.; SCORSOLINI-COMIN, F. A Revelação da Homossexualidade na Família: Revisão Integrativa da Literatura Científica. Ribeirão Preto: **Trends Psychol**, vol. 26, nº 3, 2018.

NATARELLI, T. R. P. *et al.* O impacto da homofobia na saúde do adolescente. **Escola Anna Nery**, v.19, n.4, 2015.

OLIVEIRA, de Leandro. A “vergonha” como uma “ofensa”. Porto Alegre, **Horiz. antropol**, v.25, n. 54, 2019.

PAVIANI, J. Conceitos e formas de violência. In: MODENA, M.R (Org.) **Conceitos e formas de violência**. Rio Grande do Sul: Educs, 2016.

PENHA, J. C. *et al.* Caracterização da violência física sofrida por prostitutas do interior piauiense. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v.65, n6, 2013.

PERUCCHI, J.; BRANDÃO B.C.;VIEIRA, H.I.S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de psicologia**. vol 19, n.1, 2014.

RESENDE, L.S. **Homofobia e Violência Contra População LGBT no Brasil**: uma revisão narrativa. Brasília: UNB Ceilândia, 22 de Nov. 2016.

RIBEIRO, L. M.; SCORSOLINI-COMIN, F. Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. **Psicologia & Sociedade**, v.29, 2017.

ROSA, A. N; BARR, A. N. A.; SOUZA, L. C. R. **O luto dos pais na descoberta da homossexualidade dos filhos**. Lins-SP, 2017.

BRITO E CUNHA, R. B.; GOMES, R. Os jovens homossexuais masculinos e sua saúde: uma revisão sistemática. **Interface**, 2014.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de Conteúdo: **Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos**. Brasília, 2013.

SILVA, M.M.L. *et al.* Família e Orientação Sexual: Dificuldades na Aceitação da Homossexualidade Masculina. **Temas em Psicologia**, vol. 23, n3,2015.

SOLIVA, T.B.; SILVA JR, J. B. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n.17, 2014.

SOUSA, K. O.; FRANÇA, D. X. Homofobia e Adolescência: Revisão Sistemática da Literatura. **Educon**: Ar acaju, vol.10, n. 01. 2016.

SOUZA, D.C.; SILVA,I.R. **Reflexões Sobre Relações Familiares em que há a Presença de Filhos Homossexuais**. In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 7.,Rio Grande. *Anais eletrônicos...*Rio Grande: FURG, 2018.

TAQUETTE, S. R.; RODRIGUES A.O. Experiências homossexuais de adolescentes: considerações para o atendimento em saúde. **Interface comunicação saúde educação**. v.19, n.55.2015.

TOLEDO, L. G.; FILHO, F. S. T. Homofobia familiar: abrindo o armário ‘entre quatro paredes’. Rio de Janeiro: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, vol. 65, nº3, 2013.

URQUIZA, M. A.; MARQUES, D. B. Análise de conteúdo em termos de Bardin aplicada à comunicação corporativa sob o signo de uma abordagem teórico-empírica. Londrina: **Entretextos**, v. 16, n. 1, 2016.

VIEIRA, R.P.; GHERARDI, S.R.M.; SEVERO, M.F.S.W. Causas e consequências da homofobia na escola: uma revisão. **Multi-Science Journal**, v. 1, n. 10, 2018.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. Campinas: **Temáticas**, v.22, n.44, 2014.